

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XVII

*HOMENAGEM AO DOUTOR TORQUATO DE SOUSA SOARES*

II



COIMBRA/1977

FRÉDÉRIC MAURO — *Le Brésil du XV<sup>e</sup> à la fin du XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris, 1977. Société d'Édition d'Enseignement Supérieur. «Regards sur l'Histoire», n.º 28. 253 pp.

Este livro — segundo ficamos a saber logo de entrada — não é uma interpretação do Brasil colonial, «qu'il cherche seulement à décrire à l'usage d'un large public, en tenant compte des résultats des recherches les plus récentes». Estava o autor em excelentes condições para o escrever, dada a sua reconhecida autoridade neste domínio e noutros que lhe são próximos. Ninguém poderá ter hoje a pretensão de conhecer bem o mundo atlântico português na época moderna, especialmente nos seus aspectos económicos, sem recorrer à grande tese de doutoramento do Prof. Mauro, considerada já um *clássico*, e a muitos dos livros e artigos que publicou posteriormente (!).

Com o louvável intuito de dar a conhecer os resultados da investigação histórica a um público bastante vasto, não tem hesitado F.M. em escrever, por vezes, trabalhos de divulgação. Há poucos anos, foi uma história geral do Brasil, condensada nos apertados limites da colecção *Que sais-je?*(<sup>1</sup>)| agora, tendo em vista, particularmente, os estudantes universitários, dá-nos uma síntese do período colonial em duas centenas e meia de páginas.

Procurou, segundo nos informa, fazer uma história total, partindo das estruturas para os eventos, do geológico para o espiritual, do institucional para o mental. Mas as necessidades dos leitores a que se dirige levaram-no a dar à obra uma apresentação «assez classique», deixando de lado considerações metodológicas, a fim de conceder o

(1) *Le Portugal et l'Atlantique au XVII<sup>e</sup> siècle (1570-1670). Étude économique*, Paris, 1960. Charles R. Boxer chamou a este livro «an admirable work» (*Portuguese Society in the Tropics*, Madison and Milwaukee, 1965, p. 228). E, mais recentemente, considerou-o como um guia e um modelo (*Some Reflections on the Historiography of Colonial Brazil, 1950-1970*, in *Colonial Roots of Modern Brazil*, ed. by D. Alden, Berkeley, 1973, p. 8). Os principais artigos de tema português ou brasileiro foram reunidos por F. Mauro nos seguintes volumes: *Nova História e Novo Mundo*, São Paulo, 1969; *Études Économiques sur l'Expansion Portugaise (1500-1900)*, Paris, 1970; *Des produits et des hommes. Essais historiques latino-américains, XVI<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles*, Paris, 1972.

(2) *Histoire du Brésil*, col. «Que sais-je?», n.º 1533, Paris, 1973.

maior espaço possível à quantidade e à precisão da informação. É, pois, nesta perspectiva que o trabalho tem de ser apreciado.

Dado que o descobrimento do Brasil se integra na expansão portuguesa dos séculos XV e XVI, considerou o autor que, para o compreender, se tornava necessário estudar Portugal e o seu império nesse tempo, fazendo-o embora com a brevidade que a natureza da obra impunha. Monarquia agrária, mas também marítima, foi lançada por um conjunto de factores complexos nos caminhos do oceano e na construção de um império africano e oriental, factos que «ont profondément marqué l'âme portugaise, qui garde encore aujourd'hui la nostalgie de cette grande époque».

Negociações diplomáticas (tratado de Tordesilhas) e progressos da ciência náutica facilitaram o achamento da terra de Santa Cruz por Cabral. As antigas pretensões respeitantes a um descobrimento por navegadores de outros países parecem hoje infundadas, exceptuando o caso de Pinzón, em relação ao qual os argumentos negativistas de Duarte Leite «ne sont pas tout à fait convaincants».

O desvio da armada de Cabral para oeste terá sido intencional? Questão «difficile à résoudre» e que por isso explica a atitude prudente do autor <sup>(3)</sup> Os aspectos fundamentais da nova terra e da população autóctone, assim como a comparação com as da América espanhola, completam naturalmente este ponto.

Descoberto o território, punha-se o problema do seu aproveitamento. A atracção do Oriente e das suas riquezas não permitiu que, de início, se desse grande atenção ao Brasil, pois não abundavam os homens nem os capitais. Daí a colonização «anarchique» do tempo de D. Manuel, que D. João III substituiu por outra já «systématique», inicialmente concretizada nos capitães-donatários. Sistema que suscita algumas interessantes e pertinentes considerações à volta da existência ou não de feudalismo no Brasil, distinguindo o ponto de vista das instituições e o das estruturas.

Grandes dificuldades levaram ao fracasso a maior parte das capitánias, enquanto se tornava cada vez mais ameaçadora a presença

<sup>(3)</sup> Note-se, no entanto, que a *intencionalidade* da rota não implica necessariamente um conhecimento *positivo* prévio da terra brasileira (Cfr. Damião Peres, *O Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral. Antecedentes e intencionalidade*, Porto, 1949, pp. 88, 118-146; Max Justo Guedes, *O Descobrimento do Brasil*, Rio, 1966, pp. 23, 41-42; M. Nunes Dias, *Descobrimento do Brasil. Tratados bilaterais e partilha do Mar Oceano*, in *Studia*, n.º 25, Dezembro-1968, pp. 7-29).

estrangeira. A solução foi o governo geral, que se mostrou «capable de lutter victorieusement contre les ambitions françaises» e favoreceu o arranque económico. Assim, por altura de 1570, estavam definitivamente estabelecidas as bases administrativas, religiosas e económicas do Brasil colonial.

No estudo da evolução económica do mundo luso-brasileiro entende o autor, com razão, que a clássica noção de «ciclo» tem de ser usada prudentemente, pela confusão a que se presta com outros movimentos da conjuntura, especialmente a curto termo. Lembra também que o produto que dá o seu nome ao ciclo não é o único a fazer a riqueza de uma economia, visto que ao lado ou em volta se desenvolvem outras actividades. A exploração e comércio do pau-brasil aparecem como um exemplo significativo, pois os seus lucros continuaram importantes na época da primeira prosperidade do açúcar (1570-1625). «Il est donc difficile de parler du cycle du bois avant celui du sucre et se terminant avec la poussée sucrière».

Durante um século (1570-1670), a cultura da cana e o fabrico do açúcar iam tornar-se «les deux activités motrices et même dominantes de l'économie brésilienne». Por isso são objecto, neste livro, de particular atenção, desde a geografia açucareira, o regime da propriedade e as técnicas da cultura da cana e do funcionamento do engenho até aos problemas de contabilidade, encargos fiscais, estruturas comerciais e conjuntura, — esta com o movimento secular no sentido da alta, apesar da fase final, em que se integra na tendência geral depressiva do século XVII.

À produção açucareira estavam intimamente ligados os escravos, que nela desempenharam papel fundamental. Compreende-se que lhes tenha sido dedicado um capítulo, distinguindo índios e negros, os vários processos e fases de aquisição da mão-de-obra e o contributo de ambas as raças para a civilização brasileira.

Como bem observa F.M., o açúcar deve situar-se num «complexo histórico-geográfico»: o de uma economia comercial ligada ao mercado internacional com um produto dominante e produtos auxiliares de certo interesse (designadamente o tabaco), sujeitando-se por sua vez este comércio a determinadas condições técnicas, jurídicas, institucionais e monetárias.

A atracção das riquezas brasileiras e a impressão de «un équilibre complexe et fragile» deviam suscitar tentativas de domínio de outros povos, em especial dos Holandeses, então no apogeu do seu poderio

marítimo e económico. A invasão holandesa do Nordeste, a acção de Maurício de Nassau, a economia do Brasil holandês e os aspectos culturais, sociais e religiosos da civilização implantada pelos nórdicos no trópico são apresentados de forma minuciosa e objectiva.

Num capítulo sobre «Les Portugais au Brésil de 1630 à 1700» assistimos ao nascimento e actuação da Companhia Geral do Comércio na luta contra os invasores, à crescente valorização das regiões do Sul e aos problemas relacionados com as missões jesuíticas e a liberdade dos índios no Maranhão e na Amazónia.

«La fameuse crise du sucre des années 1680», que o autor considera como o ponto culminante de um movimento de longa duração (ou de Kondratieff), é objecto de especial atenção, dadas as suas repercussões não só no Brasil mas em toda a política económica portuguesa<sup>4</sup>). Esta iria sofrer, aliás, outra viragem importante com o descobrimento do ouro em Minas Gerais, ao findar o século XVII. Facto também decisivo para o Brasil.

Verificou-se então uma extraordinária «poussée minière», que ia durar mais de meio século e que F.M. nos descreve, nos seus aspectos fundamentais, de forma precisa e completa, com a ajuda de quadros e gráficos. O leitor é assim informado sobre as actividades pesquisadoras das bandeiras paulistas, as minas descobertas, tanto na região das Gerais como em Mato Grosso, Goiás e Baía, as condições de exploração, as quantidades produzidas e, por fim, os efeitos multiplicadores. O enorme afluxo populacional às terras do ouro suscitou graves problemas de abastecimento, que por sua vez originaram a formação de mercados fornecedores, a abertura de caminhos, a organização de meios de transporte.

«L'effet d'intégration, par les mines, de l'économie brésilienne — intégration relative mais, pour l'époque et l'immensité du territoire, assez importante — se manifeste particulièrement dans le domaine de l'élevage». O surto mineiro estimulou a criação de gado, que, tal como a agricultura, veio a constituir uma actividade de substituição quando a produção do ouro declinou, ocupando vastas regiões, não só de Minas Gerais, mas também no interior do Nordeste e no Sul.

Simultaneamente com esta evolução económica, formava-se o Brasil na sua grandeza territorial, graças a uma expansão em parte

(4) Cfr. F. Mauro, *Espaces maritimes et économie coloniale brésilienne (1500-1800)*, in *Des produits et des hommes*, p. 80.

espontânea e em parte organizada pelo Estado. As fronteiras meridionais fixaram-se em longas lutas com os Espanhóis, de resultados corrigidos ou confirmados por acordos diplomáticos. No Norte teve papel preponderante a companhia pombalina do Grão-Pará e Maranhão, sendo o desenvolvimento económico acompanhado por uma vasta acção administrativa e também por providências militares.

Em consequência de todos estes factores, é visível, nos fins do século XVIII, um importante aumento da população do Brasil, que o autor estuda, no seu número global, repartição geográfica e racial, estruturas e formas de povoamento, com base sobretudo nos importantes trabalhos de Dauril Alden e M. Luisa Marcílio. O «urbanismo» colonial e a vida nas cidades deram matéria a F.M. para escrever um capítulo em que há páginas interessantes, especialmente nos confrontos com o sistema da América espanhola <sup>(5)</sup>.

Na parte final do volume são tratados, nos aspectos essenciais, os problemas da organização administrativa, da vida religiosa, da assistência e educação, assim como as artes, as ciências e as letras, distinguindo-se nestas um período «português» (1700-1750) e outro de despertar «nacional» (1750-1800). O nascer do sentimento nacional iria manifestar-se também no plano político, com as conspirações dos fins do século XVIII, precursoras da independência, e que constituem precisamente o tema do último capítulo.

O livro termina com uma página de conclusões e uma bibliografia escolhida, quase toda em francês e inglês.

Não sendo a obra aquela «histoire selon notre cœur» que o autor teria gostado de escrever, constitui, no entanto, como se pretendeu, «un instrument pratique» (p. 7), de muita utilidade para quem deseje uma informação rápida, actualizada e, em geral, segura acerca do Brasil colonial, especialmente (mas não exclusivamente) nos seus aspectos económicos e sociais. Digna de realce, também, a constante preocupação de fazer uma história assente, tanto quanto possível, em bases quantitativas, o que é evidente não só no texto como nos quadros e diagramas que o acompanham. Até a estrutura do trabalho, com numerosos capítulos e suas divisões, facilita a consulta, sem que a unidade do conjunto seja prejudicada, pois houve sempre o cuidado

<sup>(5)</sup> O autor tratou mais desenvolvidamente este tema em *Prééminence urbaine et réseau urbain dans l'Amérique coloniale*, in *Des produits et des hommes*, pp. 154-172.

de estabelecer as necessárias ligações e correlações. Dessa estrutura partiremos, entretanto, para algumas breves observações críticas.

Em contraste com a boa organização geral da obra, chama a atenção o manifesto desequilíbrio entre o espaço atribuído à presença holandesa no Brasil (quatro capítulos em 37 páginas) e o concedido à expansão territorial (um capítulo de 10 páginas). Ocorrem-nos as palavras de Capistrano de Abreu: «A invasão flamenga constitui mero episódio da ocupação da costa. Deixa-a na sombra a todos os respeitos o povoamento do sertão...» (6). E o próprio F.M. reconhece, ao iniciar o cap. XVII: «L'histoire du Brésil c'est l'histoire d'une conquête: celle de l'espace, donné aux Portugais à Tordesilhas» (p. 163).

É certo que o autor não esqueceu o papel das bandeiras, das missões religiosas, das minas e da criação de gado no povoamento, dedicando-lhes páginas dispersas (pp. 136-140, 151, 157-161, 176-179), mas parece-nos que não deu o devido relevo às iniciativas do Estado português e às actividades político-militares, que foram de capital importância na formação territorial do Brasil e na fixação das fronteiras (7).

A expansão brasileira para o Sul é tratada de forma rápida e nem sempre exacta, sobretudo na parte relativa ao século XVIII. De modo nenhum podemos aceitar esta imagem da Colonia do Sacramento: «Poste militaire jusqu'en 1718, elle devient, à partir de cette date, le refuge des immigrants de réputation douteuse, anciens criminels, prostituées, plus quelques exilés politiques...» (p. 163). Nem a praça foi apenas um posto militar até 1718 (desde a última década do século XVII recebeu famílias do Brasil), nem se deve confundir toda a população com os degredados e outros marginais (que aliás já existiam antes de 1718). É bem verdade que a história dos «casais» da Colônia não foi ainda estudada em profundidade... (8).

(6) *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*, 4.<sup>a</sup> ed., Rio, 1954, p. 177.

(7) Vejam-se, entre outros, os livros de Jaime Cortesão, Arthur C. Ferreira Reis, Virgílio Correia Filho, Dauril Alden e o recente estudo de David M. Davidson, *How the Brazilian West Was Won: Freelance & State on the Mato Grosso Frontier, 1737-1752*, in *Colonial Roots of Modern Brazil*, cit., pp. 61-106.

(8) Numa perspectiva de genealogista, pode ver-se C. G. Rheingantz, *Os últimos povoadores da Colônia do Sacramento*, in *Revista do Instituto Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul*, ano XXIX, 1949, n.ºs 113-116, pp. 329-437.

Não parece que com o tratado de Paris (1763) se tenha voltado «aux termes du Traité de Madrid» (p. 166). Pelo contrário, o seu art. II dá por «renovados e confirmados» vários convénios anteriores, incluindo o do Pardo (1761), que por sua vez anulava o de Madrid (1750), conforme o próprio autor lembra, umas linhas atrás <sup>(9)</sup>.

Para F.M., o célebre tratado de limites inspirado por Alexandre de Gusmão terá sido «une véritable déclaration de Monroe avant la lettre» (p. 167), ideia já defendida por outros estudiosos, mas que se afigura um tanto anacrónica. Como bem observou Jaime Cortesão, a introdução dos artigos XXI e XXV no projecto primitivo de Gusmão, por iniciativa de Carvajal, não revela «os alvares de urna política monroista e pan-americana», pois o negociador espanhol apenas «visava, confessadamente, e dentro das realidades do seu tempo, eliminar toda a possibilidade duma agressão britânica, partindo de bases brasileiras, e desatar os vínculos que uniam a Inglaterra e Portugal...» <sup>(10)</sup>.

O leitor português ficará certamente bem surpreendido ao ver escrito que a rainha D. Maria I era uma «princesse espagnole et sœur de Charles III» (p. 166). Julgamos ter havido confusão com sua mãe D. Mariana Vitória, efectivamente irmã do referido monarca espanhol.

Ao tratar do problema dos cristãos-novos (pp. 209-211), o autor cita variada bibliografia, incluindo *A Inquisição Portuguesa*, de António José Saraiva (1956). Conviria não esquecer, do mesmo investigador, *Inquisição e Cristãos-Novos* (Porto, 1969, com reedições), assim como os trabalhos, que representam uma posição diferente, de I.S. Révah <sup>(11)</sup>.

Gostaríamos de saber em que se funda a afirmação de que os irmãos Bartolomeu e Alexandre de Gusmão pertenceram à Academia Brasileira dos Esquecidos, fundada na Baía em 1724 pelo vice-rei Vasco

<sup>(9)</sup> Cfr. J. F. Borges de Castro, *Collecção dos tratados (...)*, tomo III, Lisboa, 1856, p. 167.

<sup>(10)</sup> *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid* (conferência), Lisboa, 1950, p. 35.

<sup>(11)</sup> Especialmente *Les Marranes*, in *Revue des Études Juives*, 3.<sup>a</sup> série, t. I, 1959-1960, pp. 29-77. Devemos também lembrar José Gonçalves Salvador, *Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição (Aspectos de sua atuação nas capitâneas do Sul, 1530-1680)*, São Paulo, 1969. Os estudos mais recentes deste investigador dificilmente poderiam ser conhecidos pelo autor, tendo em conta a data do seu livro.

Fernandes César de Meneses (p. 226). Não se tratará de um equívoco, dado que ambos foram membros da Academia Real da Historia Portuguesa? (12).

Parece-nos exagerado chamar «révolte des nobles» (p. 234) ao episódio que levou D. João V, em 1726 (não em 1728), a desterrar de Lisboa por algum tempo um grupo de figuras da aristocracia (13).

Aqueles que os Paulistas, no célebre conflito por causa das minas de ouro, designaram por *emboabas* seriam só portugueses? (p. 236). Assim terá sido a principio, mas depois o termo alargou-se a todos os forasteiros, não apenas reinóis, mas também naturais de várias regiões do Brasil (14).

Voltamos atrás no tempo e nas páginas do livro para notar que não foi em Cananeia que Pero Lopes de Sousa se separou de seu irmão Martim Afonso, durante a viagem de 1530-1532 (p. 32); foi à entrada do Prata, onde o capitão naufragou, enviando depois Pero Lopes a subir o estuário e a tomar posse da terra (15).

Lembraremos, por fim, que, em futura reedição, será conveniente fazer uma cuidadosa revisão das datas, pois algumas aparecem erradas, por já assim estarem na fonte utilizada ou por simples *gralha* tipográfica (16).

Estas ligeiras observações em nada afectam o valor de uma obra que constitui, efectivamente, um *instrumento prático* de grande utili-

(12) Em 1725 a Academia Brasilica dos Esquecidos dedicou algumas composições em verso à inesperada fuga do *Voador* para Espanha (1724), mas não conhecemos qualquer prova de que fosse membro dessa instituição (Cfr. Divaldo G. de Freitas, *A vida e as obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*, São Paulo, s.d., pp. 210-212). Também não a conhecemos para seu irmão Alexandre.

(13) Cfr. *Description de la Ville de Lisbonne*, Paris, 1730, pp. 154-159; Ayres de Carvalho, *D. João Vea arte do seu tempo*, vol. I, Mafra, 1960, pp. 77-79, 94.

(14) Cfr. Affonso de E. Taunay, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, t. IX, São Paulo, 1948, pp. 453, 460-461, 475 e *História das Bandeiras Paulistas*, t. I, 3.ª ed., São Paulo, 1975, p. 225.

(15) *Diário da Navegação de Pêro Lopes de Sousa (1530-1532)*, com prefácio de A. Teixeira da Mota, Lisboa, 1968, pp. 67-75.

(16) Morte do 3.º conde da Ericeira (p. 136), bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva (filho) em Goiás (p. 145), proibição do comércio das muares no Brasil (p. 153), concessão de terras no Sul do Brasil a Salvador Correia de Sá (p. 163), fundação da diocese do Rio de Janeiro (p. 207 — cfr. p. 50, onde a data está certa), morte de D. Pedro II (p. 233) e falecimento de D. Pedro III (p. 234).

dade, e são mais uma prova do interesse com que fizemos a sua leitura. Resta-nos exprimir o voto de que o Prof. Mauro, talvez alargando e refundindo o presente livro, possa dar-nos um dia, conforme é seu desejo, «l'autre histoire, celle dont nous rêvons».

LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

*Metodología de la Historia Moderna. Economía y Demografía* — «Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Históricas», vol. III. Secretariado de Publicaciones, Departamento de Historia Moderna, Universidad de Santiago de Compostela, 1975. 886 pp.

Na sequência da publicação das comunicações apresentadas nas I Jornadas de Metodologia Aplicada das Ciências Históricas, realizadas de 24 a 27 de Abril de 1973 na universidade de Santiago de Compostela, vem a público o terceiro volume das Actas.

O objectivo das jornadas é definido, em síntese, na introdução: favorecer o intercâmbio de problemas e métodos de trabalho em novas dimensões da investigação histórica mais do que expor os resultados obtidos em áreas conhecidas através de fontes e métodos já consagrados.

O volume III das Actas vem dar a conhecer a um público mais vasto as cinquenta comunicações que se situam no âmbito da história moderna. A sua apresentação subordina-se a uma classificação temática, sendo quatro as grandes secções em que se divide: história rural na época moderna; demografia e estruturas sociais; preços, salários, flutuações e movimentos de conjuntura; crédito e banca, comércio e transportes na fase do capitalismo mercantil.

O espírito que preside e dá unidade a esta variedade temática, é expresso pelo Prof. A. Eiras Roei: influência marcada da escola francesa, reflexão sobre problemas metodológicos de alcance geral, confrontação crítica de fontes de carácter serial; recurso à quantificação. É lógico que tal se verifique numa altura em que, segundo a afirmação do mesmo professor, a História, depois da reformulação da sua problemática e da sua aproximação às Ciências Sociais, envereda